

**Discurso do Prof. Marco Antonio Zago,
presidente da FAPESP, por ocasião da concessão
do título de Professor Emérito da Faculdade
de Medicina de Ribeirão Preto,
da Universidade de São Paulo.**

11 de novembro de 2022

Teatro do Campus da USP de Ribeirão Preto

Minhas amigas, meus amigos,

Hoje é um dia muito feliz para mim e para minha família. A maior honra a que podemos aspirar é o reconhecimento pelos nossos amigos, pela nossa comunidade e pela própria família. Minha comunidade é a Universidade de São Paulo e a FMRP. Por isso, repito o que disse ao Diretor quando ele me comunicou que a nossa Congregação me havia concedido o título de emérito: “Fiquei muito emocionado, e muito agradecido à generosidade de meus colegas da FMRP”.

Minhas ligações com a FM, o campus e USP são amplas e envolventes. Este teatro, que inaugurei quando era Reitor, foi anteriormente uma capela, onde minha filha foi batizada. Na casa no. 3 da Rua das Paineiras, ela e meu filho passaram parte da infância. Neste campus conheci Marcia, com quem me casei há quase 50 anos.

Sou, pois, muito grato a todos que hoje vieram pessoalmente a essa cerimônia: minha família, amigos, colegas da XIV turma, colegas hematologistas, estudantes e colaboradores ao longo dos anos – aqui na Faculdade de Medicina e no Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto, no CNPq, na Reitoria da USP, na FAPESP, e as autoridades. Alguns vieram de longe, outros de muito longe. Nada me daria mais alegria do que a que tenho hoje com a vossa presença aqui hoje.

Dediquei minha vida à universidade, sempre com muito entusiasmo e alegria. Poderia falar sobre muitos temas vinculados à vida universitária, mas o tempo e a paciência dos que me ouvem recomendam limitar a três tópicos: a carreira acadêmica, a autonomia universitária e a inclusão na universidade.

Começarei pelo mais relevante, a autonomia da universidade. Por volta do ano de 1088, grupos de estudantes e professores da cidade de Bologna haviam-se organizado em uma comunidade, uma *universitas magistrorum et scholarium*, ou seja, uma *comunidade de estudantes e mestres*, daí o nome da *universidade*. Setenta anos depois, o imperador do Sacro Império Frederico Barbarossa esteve na região de Bologna, tratando de suas disputas com a Igreja e com as comunas, e foi convencido pelos doutores da universidade nascente a publicar o decreto *Autentica Habita*, que concedia aos estudantes e professores da universidade liberdade que os tornava independentes dos governantes locais, sempre envolvidos em intermináveis e mesquinhas disputas provincianas, e somente os submetia às próprias autoridades universitárias. Essa foi a origem da autonomia acadêmica ou universitária, a mais importante característica que por quase um milênio distingue a universidade de outras organizações da sociedade.

A história das universidades no mundo é a contínua luta pela sua liberdade, pois a autonomia é encarada com resistência, repulsa ou mesmo como uma afronta por governantes, especialmente os governantes autoritários.

Abuso contra a autonomia da universidade é um dos melhores indicadores para reconhecer governos e governantes opressores. O filósofo Miguel de Unamuno morreu em prisão domiciliar, afastado de seu cargo de Reitor da Universidade de Salamanca pelo autoritarismo do governo de Franco, a mesma Salamanca já era célebre porque um de seus catedráticos, Frei Luiz de León, passara quatro anos na prisão, respondendo a acusações perante a Inquisição e, ao retornar à universidade, começa sua lição dizendo “*Como dizíamos ontem...*” como se aqueles quatro anos não tivessem existido.

Mas, não precisamos buscar exemplos desses abusos em países distantes, como na destruição de grandes universidades europeias durante o período do nazismo e do fascismo. Nem ao Irã de nossos dias, onde estudantes e acadêmicos da Universidade Técnica de Shafir são massacrados pela polícia diariamente. Nosso exemplo doméstico é bastante eloquente. Os governos do período pós-1964 abusaram da autonomia universitária, interferiram em seus projetos acadêmicos, cassaram e perseguiram professores e estudantes. As lembranças desse período foram resgatadas pela Comissão da Verdade da USP, que reativei e fortaleci durante meu mandato como Reitor, e que publicou amplamente seu monumental relatório logo após o final de meu mandato.

Para muitos, ainda é viva a lembrança do abuso que a USP sofreu na figura de seu dirigente máximo, o vice-reitor em exercício e professor de nossa casa, afastado do cargo exatamente por exercer a defesa da autonomia! Tive a honra de encaminhar a aprovação no Conselho Universitário de uma resolução que determinou a colocação de seu retrato em lugar de destaque na Reitoria, como lembrança dessa defesa do privilégio universitário.

Necessário ressaltar que o abuso contra a autonomia universitária pode tomar formas mais sutis, mas nem por isso menos deletérias à sociedade. Sim, porque a autonomia não é um *privilegio* para beneficiar a universidade, mas sim um instrumento de *proteção da sociedade*, para garantir que a universidade possa cumprir seu papel de pensar criticamente a sociedade, para garantir que seus estudantes tenham a “*liberdade de aprender*” de que nos fala *Karl Jaspers*, o fundador da universidade alemã no pós-guerra.

Exemplos de restrições à autonomia ocorrem diariamente, nas manifestações públicas que diminuem ou distorcem seu papel, no estrangulamento financeiro e interferência em sua liberdade didática, ou pela falta de reconhecimento da universidade como um interlocutor central na vida do país.

Há que se enfatizar que o povo e os governos paulistas se distinguem porque há mais de 35 anos conduzem uma política de estado de respeito e promoção de suas universidades públicas. Ao lhes conceder *real* autonomia didática, administrativa e financeira, o governo de São Paulo implantou uma política exemplar para o país e para o mundo.

Essa liberdade corria alto risco quando assumi a Reitoria da USP, em janeiro de 2014. Naquele momento a universidade comprometia com sua gestão mais de 125% do recurso que recebia do Estado. Caminhava para a inadimplência e perda de sua liberdade financeira se essa distorção não fosse rapidamente corrigida. Medidas severas, anunciadas no dia de minha posse, corrigiram o gasto excessivo, e ao mesmo tempo criaram regras de controle financeiro, além de uma Controladoria, medidas que permanecem inéditas entre as universidades brasileiras, mas recuperaram em poucos anos nossa saúde financeira e capacidade de investir. Não foi sem resistência corporativa que essas medidas prevaleceram.

Nessa empreitada, como em outras, contei com apoio expressivo de grande maioria dos dirigentes e do Conselho Universitário, consoante havia predito em meu discurso de posse, lembrando os versos de João Cabral de Melo Neto “*Tecendo uma manhã*”:

*“Um galo sozinho não tece uma manhã,
Ele precisará sempre de outros galos.”*

A confortável situação financeira da USP atualmente atesta a correção e eficiência daquelas medidas.

Outra grande conquista durante meu mandato reitoral, conquista *civilizatória*, foi aprovar medidas para uma rápida inclusão social e racial dos estudantes de graduação na USP. Ela mudou a face da universidade. Mas tem uma vertente muito mais valiosa, conceitual e no domínio dos valores. A sociedade não tem direito de negar o acesso à sua mais expressiva universidade, mantida com recursos públicos, recursos gerados com impostos pagos igualmente por ricos e por pobres, por brancos e por negros, não tem direito de negar acesso aos filhos dos mais pobres e dos negros. As modificações introduzidas a partir de 2015, culminando com a aprovação, em 2017, das quotas raciais e para estudantes do ensino público, garantiram em 2021 o ingresso de 52% de estudantes originários do ensino público e 44% de pretos, pardos e indígenas.

A USP relutava em aceitar essa mudança, que teve que ser gradual. Felizmente contei com aliados em todos os segmentos da universidade, e hoje classifico aquela decisão como histórica, e talvez a mais importante na vida de mais de 80 anos do Conselho Universitário.

Minhas amigas, meus amigos,

Eu tive a felicidade de escolher a carreira acadêmica como meu caminho de vida. Hoje, lembrando o poeta espanhol Antonio Machado,

*ao voltar a vista p’ra trás
e vendo a senda que não mais hei de pisar;*

dou-me conta de que meus passos construíram um caminho do qual que me orgulho, e que me levaram por paragens jamais sonhadas quando chegamos a Ribeirão Preto, em 1964, eu e José Antonio Marin Neto, meu conterrâneo de Birigui.

Esse caminho começou com o deslumbramento de viver e estudar num centro de ciência, a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – e eu lhes pergunto quantos dos milhares de estudantes de medicina atualmente no Brasil têm o privilégio de estudar em um centro de ciências? Primeira faculdade de medicina do país em uma cidade interiorana, estava longe de ser provinciana. Meus mestres de então, primeira geração desta escola, eram cientistas de renome, conversavam com o mundo, estavam na fronteira do conhecimento. E criaram em nós esta sede de fazer parte do mundo da ciência e do progresso do conhecimento.

Nosso curso de medicina transcorreu durante o período inicial do regime militar. Foi uma época sombria, de grande agitação política, social e cultural. O movimento estudantil foi parte integrante da resistência ao regime e da luta pelo retorno à democracia, e assim foi parte de nossa vida universitária. Como membro da direção do Centro Acadêmico Rocha Lima, participei ativamente daquela luta e em confrontos resultantes da repressão às manifestações estudantis. Muito aprendi para o restante da vida.

Devo um reconhecimento especial a Cássio Bottura, meu mestre e um dos fundadores da Hematologia moderna no país. Dele recebi apoio e incentivo, e com ele aprendi disciplina e respeito pela carreira universitária. Foi dos mais exemplares educadores que conheci.

Mas também aos meus colegas da FMRP, da Clínica Médica, de meu novo Departamento de Imagens Médicas, Oncologia e Hematologia, e do Grupo da Hematologia. Particularmente Roberto Passeto Falcão, Dimas Covas, Fernando Costa, Eduardo Rego, Belinda Simões, Júlio César Voltarelli, Mauro Silvério Figueiredo, Rendrik França Franco e Rodrigo Calado, com quem compartilhei por anos a vida do grupo de Hematologia. Marli, Amélia, Maria Helena, Júlia, Dalvinha, Cristina e as duas Cláudias, foram e continuando sendo imprescindíveis para nosso sucesso. Meus alunos e orientados da Hematologia e da Genética, muitos dos quais estão aqui hoje, representam o maior patrimônio que deixo para a vida acadêmica e científica do país, e ao mesmo tempo agradeço o quanto com eles aprendi.

O período de vida nos laboratórios, nas enfermarias, nas salas de aulas, superando desafios da pesquisa novos a cada dia, da rápida evolução da ciência, período em que nossas abordagens migraram da pesquisa em estrutura de proteínas para biologia molecular do DNA e para biologia celular das células tronco, paralelamente aos estudos de genética molecular e genética populacional, esse foi o período mais feliz e criativo de minha vida. Junto, o crescimento da hematologia clínica, a criação do transplante de medula óssea, os modernos tratamentos dos cânceres, culminando com o uso de terapia celular, consolidando a ideia iniciada nos anos 2000 de um Centro de Terapia Celular.

Nesses últimos anos fui progressivamente me afastando do trabalho direto com pacientes e da pesquisa laboratorial. Voltei-me para a política de ciência, tecnologia e educação superior.

No CNPq tive a oportunidade de criar um dos maiores e mais bem sucedidos programas de C&T do país de toda a sua história: o Programa dos Institutos Nacionais de C&T, INCTs. Tive a ajuda imprescindível de José Roberto Drugowich de Felício, que me acompanhou deste

então, a quem venho se juntar Oswaldo Nakao, na gestão na USP e na FAPESP, e a ambos sou enormemente grato.

A Pró-reitoria de Pesquisa foi o prelúdio para a responsabilidade maior, a de Reitor, que assumi no dia em que a USP completava 80 anos. A universidade passava por um período agudo de incertezas, de agitação e de conflitos, e a chegada de um novo reitor foi recebida com grande expectativa. Havia necessidade de unificar a comunidade acadêmica, mas também urgência de reformas, que inevitavelmente provocam conflitos quando enfrentamos interesses corporativistas.

Ao rever hoje aqueles anos, enxergo um período iluminado, de grandes mudanças, as maiores desde a reforma de 1989. Trabalhamos diuturnamente durante quatro anos, e daí emergiu uma nova universidade: restabelecimento do equilíbrio fiscal, a criação da Controladoria, as quotas raciais e para escolas públicas, a autonomia das unidades para escolher seus diretores, o combate ao assédio e abusos contra as mulheres, a criação de USP Mulheres, o fortalecimento da ação da Comissão de Direitos Humanos da USP, o desaparecimento dos trotes violentos, a reforma do sistema de avaliação, a criação do terceiro curso de medicina da USP em Bauru, a criação do centro de inovação Inova USP, a criação da plataforma Pasteur, a reformulação e ativação do Conselho Consultivo da USP, a consolidação do Parque Tecnológico de Ribeirão Preto, a reabertura do campus da USP Leste, a valorização da atividade docente de graduação, o fim das festas monumentais nos campus, com abuso de substâncias, violência e até mortes!

Conflitos? Conflitos houve, muitos. Mas eram os últimos gritos, coléricos e alucinados, de um longo período de violência que havia se instalado na USP, caracterizado por confrontos físicos, invasões sistemáticas e agendadas, quebra-quebra, e abusos dos direitos individuais. Finalmente, a razão predominou.

Restou uma universidade pacificada, onde os conflitos são intelectuais, acadêmicos e mesmo políticos ideológicos, conduzidos dentro da prática democrática, como devem ser em uma instituição que se destina a pensar, analisar, debater, inovar, criar, mas nunca fazer da força destrutiva o seu instrumento.

Antes de encerrar convém, pois, lembrar uma vez mais, as palavras de Jaspers em sua obra “*A Ideia de Universidade*”:

Uma universidade exige três coisas: Treinamento profissional, Pesquisa e Educação integral da pessoa [Bildung]. Porque a universidade é simultaneamente uma escola profissional, um centro de cultura e um instituto de pesquisa. Na ideia da universidade essas missões estão indissoluvelmente ligadas.

Minhas amigas, meus amigos,

Ao longo de 57 anos de vida universitária, testemunhei o melhor e o pior da vida acadêmica, da vida na sociedade e da atuação de governos. Posso garantir, o saldo é altamente positivo.

Por isso, e apesar de tudo, sou otimista quanto ao futuro de nosso país e da nossa universidade; sou otimista não porque seja ingênuo, mas porque confio na determinação e coragem de nosso povo, e nos homens e mulheres de nossa universidade.

Encerro, pois, com os versos de Élcio Soares e Nelson Cavaquinho, lamentando que a na minha idade, a voz não me permite mais cantá-los, como desejaria:

O sol há de brilhar mais uma vez,

A luz há de chegar aos corações,

Do mal será queimada a semente,

O amor será eterno novamente.

É o juízo final,

A história do bem e do mal.

Quero ter olhos para ver a maldade desaparecer.

Viva a USP.

Obrigado.